

ESCOMBROS DA INCÚRIA

Bárbara Cruz Breno Rechineli Felipe Valencia

Luisa Souza Malokah Mila Coradi Silvia Ozawa

Por sua natureza abrangente, a arte cria espaços onde perspectivas se encontram, se multiplicam, se contradizem, e geram uma expressão cultural coletiva densa e intensamente humana. A arte nos conecta com o mundo e com nós mesmos. Ainda assim, a arte também é sistematicamente negligenciada e silenciada em vários espaços. Um deles é o da universidade.

A negligência invade as falhas nos sistemas e sucateia o que acha desnecessário. Uma prova disso é o que resta do antigo projeto Arte no Campus que, desde os anos '80, originou várias obras artísticas que hoje se encontram corroídas sob a pressão sufocante do descaso. Essa destruição cria escombros onde estudantes da arte são forçados a navegar. As artes cênicas e corporais sentem esse desamparo, que é visível pelas condições precárias do Paviartes, mais conhecido como "barracão", que tem reformas não concretizadas há mais de uma década.

O que dizem estas realidades? Essa "incúria" — sinônimo desconhecido de descaso — fragmenta a expressão coletiva, nos separando da realidade coletiva. A incúria sobre a arte ocorre atrás das cortinas do cotidiano, silenciosa e eficaz em não chamar atenção para si. Então, abrimos as cortinas deste palco oculto, denunciando o sucateamento e protagonizando-o em obras artísticas que dialogam com o descaso.

Trazemos perspectivas plurais para explicitar as condições da realidade que vivemos, onde a arte é subordinada a este lugar desmoralizado que impõe sofrimento no corpo do artista discente e o atormenta com as ausências estruturais. A exploração das materialidades, das perspectivas, da ocupação dos espaços, e da estética do desgastado — do "lixo" e do "inútil" — é onde surge uma outra expressão: a que denuncia, a que aciona. A expressão que, das falhas sistemáticas; das rachaduras; dos abismos; dá voz aos ESCOMBROS DA INCÚRIA.



SAE
serviço de
apoio ao
estudante

